

DESCOSTURANDO A LÍNGUA: O CASO DA MUDANÇA E DAS INTERFERÊNCIAS LINGUÍSTICAS NO PORTUGUÊS DE MOÇAMBIQUE

Leonarda Menezes

Odisséia

Em Moçambique, o português encontra-se em situação de contato com as línguas do grupo *banto*, algumas línguas de origem asiática, como o urdu, o gujurati, o indi e o memane e ainda o inglês, língua de fronteira.

Apesar de o português ser a língua adotada como única língua usada em contexto formal, logo após a independência do país, ainda é uma língua segunda (L2) para a maior parte dos seus falantes. Verifica-se que a situação de contato linguístico, por um lado, e o estatuto de L2, por outro, são fatores de relevo no processo de variação e de mudança dessa língua em Moçambique. Com efeito, a interação do português com outras línguas distintas concorre, fortemente, para a variação gramatical e, em alguns casos, para a mudança linguística. Portanto, pode-se afirmar que os falantes¹ mudam as línguas com o tempo. Os seres humanos/ seres sociais, que vivem em sociedades, falam línguas e as línguas vão mudando com o tempo. Daí, poder-se afirmar que há uma impossibilidade de separar mudança e variação linguística.

No entanto, muitos sociolinguistas dizem que não existe “variação linguística livre”. Toda a variação é condicionada linguisticamente e/ou socialmente, dependendo do contexto linguístico em que se encontram os falantes. A existência de variante é indício de processos de mudança ocorridos ao longo do tempo, e cada variante traz em si a história daquela variedade linguística e de seus falantes.

Esse conceito de mudança linguística é problematizado por (BAGNO, 2009:23), a propósito do que é ou não errado falar, quando afirma que “não se pode definir o uso de uma língua, em seu estado atual, com base nos usos feitos há dois mil anos atrás por falantes de outra língua, no outro lado do mundo.” Para esse autor, a propósito do que é certo ou errado no português brasileiro, a língua é rica, criativa e inovadora, daí ser necessário que os seus falantes defendam e valorizem as

¹ Em muitas situações de mudança linguística, pode-se afirmar que há uma maior probabilidade de os jovens estarem na liderança dessa mudança, devido ao contato que eles têm com jovens de outras sociedades, e também em função da televisão, das viagens de estudo ao exterior e da facilidade que eles têm de assimilar uma outra língua.

muitas diferenças que existem entre os usos reais do português brasileiro e as regras tradicionais. Essas regras tradicionais são baseadas em fases antigas da língua, no uso que os escritores portugueses, do outro lado do mundo, faziam das suas línguas em meados do século XIX, baseados em regras da gramática latina.

Portanto, para o caso de Moçambique, querer que os moçambicanos falem como um falante nativo nascido e crescido em Portugal é pedir demais. O Português de Moçambique (PM), tal como afirmam os linguistas moçambicanos, é um português com marcas de interferência linguística das línguas banto para o português padrão falado de acordo com as normas do português europeu. É um português que está em processo contínuo de mudança, quer em razão do não respeito das regras gramaticais do PE, quer em razão da emergência de um novo léxico, derivado de empréstimos lexicais de outras línguas que coabitam com o português falado em Moçambique (banto, asiáticas, inglês).

Assim, pode-se definir interferência linguística como fenômeno que consiste na utilização, numa língua de traços, característicos de uma outra língua devido ao fato de o sujeito falante produzir corretamente um som, uma palavra, uma frase da língua não-materna, ou na atribuição a uma palavra, expressão ou frase, de um sentido que faz lembrar a tradução literal de algo análogo na língua materna. Trata-se de um fenômeno que tem eminentemente motivações externas, isto é, que ocorre em situações de contato de línguas sobretudo na fase inicial da aquisição de uma língua não-materna (Ln1) (HOCH, 1991).

Por isso, para a situação de Moçambique não se pode prever o tipo de interferência enquanto não se conhecer a língua materna do sujeito falante, pois elas variam de região para região refletindo, quase invariavelmente, as diversas características das línguas faladas nas diferentes regiões. Desse modo, enquanto os estrangeiros, por vezes, pensam que os moçambicanos falam uma única variante de Português, os moçambicanos, com algum nível de instrução, raramente se enganam na identificação da origem de um concidadão, com base na forma de uso das diferentes estruturas da língua oficial. Portanto, com base no estudo de interferências, torna-se defensável a hipótese de que existe uma relação de um para um entre o número de línguas moçambicanas tipologicamente semelhantes e as variantes moçambicanas da língua portuguesa, um fato que remete para uma abordagem cautelosa de ensino do Português como Ln1 em Moçambique.

Bagno (2009, p. 25) problematiza essa situação, afirmando que “os portugueses não são os ‘donos da língua’. Esse é um pensamento tosco, subserviente e colonizado. Os donos da língua são os seus falantes nativos, aqueles que a aprendem no convívio com a mãe, com o pai, os irmãos, a família, a comunidade, a classe social, com o povo do qual fazem parte. Se a língua que falamos até hoje se chama ‘português’ é por uma mera razão histórica e não significa de modo algum, que só por isso ela pertence exclusivamente aos portugueses.” O comentário do autor acima referenciado,

remete-nos para uma possível normatizaçã do português falado em Moçambique de modo a transformá-lo num português moçambicano (PM), com regras que normatizem as falas do povo moçambicano.

Se formos questionar sobre a fala de grande parte de moçambicanos urbanos, escolarizados, pertencentes a uma classe alta, média e privilegiada, encontraremos algumas marcas que justificam a interferência das suas línguas maternas de origem banto, marcas de mudança linguística que, através do tempo, tendem a marcar território, marcas de concordância verbal inadequadas às regras do português europeu (PE), introdução de um léxico de origem banto e de outras línguas. Vejam, no geral, os exemplos de algumas palavras colhidas de falas de moçambicanos que se consideram cultos e falantes de português padrão:

- 1- a) (PM) Não justifica-se que o camarada Mucassa leva tudo a sério.
a') (PE) Não se justifica que o camarada Mucassa leve tudo a sério.
2. b) (PM) O que deve-se fazer para estes casos é a consciencialização do povo.
b') (PE) O que se deve fazer para estes casos é a consciencialização do povo.
3. c) (PM) Vou ao “tchungamoio” ver o que há de novidade.
c') (PE) Vou ao bazar informal ver o que há de novidade.
4. d) (PM) Hoje preciso me “tchunar” porque vou encontrar-me com o João.
d')(PE) Hoje preciso de vestir-me melhor porque me vou encontrar com o João.
5. e) (PM) Hi, “malume! Amanhã vou procurar o Matola para acertarmos o “lobolo” do filho.
e') (PE) Hi, amigo! Amanhã vou procurar o Matola para acertarmos o casamento do filho dele.

Verifica-se que para a maior parte dos casos, em Moçambique, as diferentes formas linguísticas em competição coexistem com a comunidade de falantes da língua portuguesa (PE), estando o seu uso dependente de fatores geográficos, situacionais, sociais.

Relativamente ao ensino da língua portuguesa, este foi realizado sempre num contexto plurilíngue, nunca se chegando a considerar a importância das línguas moçambicanas de origem banto² nesse processo.

² De acordo com Greenberg (1955), considera-se *banto*, língua do principal grupo *Banto* da maior família linguística africana (Níger-Congo), do grupo bantoídeo que habitava na África Sub-equatorial, uma das mais importantes famílias do mundo. O grupo *banto* consiste em cerca de 500 línguas faladas por mais de 100 milhões de pessoas. *Bantu* significa homens, povos, pessoas (pref. pl. *ba-* mais raiz do n *-ntu*, que é igual a homem, pessoa). As línguas banto são faladas nas regiões equatoriais e austral da África. Em Moçambique, as línguas *banto* faladas são mais de 20 e outras são de origem asiática.

Isso provoca, em alguns alunos, um sentimento de rejeição e de autoexclusão decorrente de um sistema educacional discriminatório, o que se afigura como uma das causas relevantes da evasão e do insucesso escolar em Moçambique.

As interferências em Moçambique, muitas vezes, resultam de alunos que não dominam nem a língua portuguesa nem uma língua banto, e julgam que a língua portuguesa é a sua língua materna.

Essa situação vem-se perpetuando porque os seus pais têm como língua materna uma das línguas banto e mal falam o português devido à sua baixa escolarização. Sendo assim, esses pais transmitem aos seus filhos ensinamentos de um português possível, mas carregado de influências da língua materna (LM) sobre a língua portuguesa (LP). É, portanto, esse português que os alunos têm como LM – uma realização linguística marcada por regras não observadas na língua portuguesa que desrespeitam frequentemente, mostrando-se em desacordo com as regras/normas da LP, língua padrão.

Sabe-se, no entanto, que o contato entre línguas pode trazer muitas diferenças linguísticas significativas, que estão na base de muitas alterações morfo-fonológicas, morfo-sintáticas e lexicais e caracterizam o português falado em Moçambique, comparativamente com o português de Portugal, do qual Moçambique segue a norma. Dessa forma, quem é usuário da língua portuguesa marcada por interferências é marginalizado no processo de ensino, sem que se tente considerar os porquês dos desvios à norma.

No processo de ensino, há uma tendência de marginalizar-se a fala e de valorizar a língua formal (padrão/escrita), mostrando uma linguagem que não reflete a realidade dos seus falantes, marcados por uma heterogeneidade linguística, que se encontra vinculada à uma heterogeneidade social. Citando Ricardo-Bortoni (2005), “a escola ainda se esquece da diversidade cultural e linguística dos seus alunos”.

No entanto, se tivermos em conta que a língua é uma forma de expressão cultural e que o contato entre línguas é também um contato entre culturas, não se pode falar em interferência linguística colocando de parte a interferência cultural. A interferência linguística ocorre sempre que há línguas em contato. Por interferência ou transferência negativa, entende-se o uso de uma regra ou padrão linguístico presente na primeira língua e transferido erradamente para a segunda língua.

No processo de aquisição de uma segunda língua, há sempre interferências de línguas maternas, mormente quando se trata de situações de multilinguismo, pois é frequente recorrer-se a ela para analisar os dados de uma nova língua. De acordo com alguns estudiosos, a língua materna predomina na mente do falante e tende a interferir nas línguas aprendidas em segundo lugar. Assim, quando a língua-alvo é aprendida apenas em contexto formal, como a escola, o fosso entre o domínio das duas línguas é maior ainda.

As interferências da língua materna na língua-alvo ocorrem em todos os níveis da língua, de forma gradual, sendo o lexical o mais frequente na medida em que, tanto num pequeno elemento linguístico, como o fonema, como num maior, como o sintagma, transmitem-se, geralmente, através do elemento lexical.

Existem palavras que, para o caso de Moçambique, entraram no léxico do (PM) de forma gradual, não só provenientes de línguas banto, mas também de outras origens, como o inglês, o francês, o árabe, indicadores de uma certa tendência ou padrão, partilhada com realidades de coabitação linguística e cultural.

No entanto, é necessário ter em conta que neste processo de aquisição há características no falar de um bilíngue que não são explicáveis nem por interferência, nem pela gramática da língua-alvo, o que requer um extremo cuidado na interpretação dos dados linguísticos em situações de contato de línguas. Esses casos podem ser imputáveis a universais linguísticos, depois de analisados e comparados com casos idênticos já testados em produtos de contato entre outras línguas ou em línguas não sujeitas a contato.

Durante o processo de aquisição de uma segunda língua, o indivíduo constrói um sistema novo, baseado em hipóteses, e vai introduzindo modificações de acordo com as sucessivas aproximações à língua-alvo, criando ele próprio uma gramática provisória entre as duas línguas, que vai avaliando e reformulando à medida que adquire novos dados, dando origem a diversas etapas de interlínguas (IL), que, segundo Xavier e Mateus (1990), são “cada uma das gramáticas construídas por um indivíduo no processo de aquisição da língua-alvo”.

Nesse processo de construção de hipóteses, o indivíduo analisa os novos dados adquiridos com base nos seus conhecimentos linguísticos anteriores. No entanto, por vezes, constrói regras que não têm origem no seu conhecimento da língua materna. Essa situação explica a ocorrência de alguns “erros” que não podem ser atribuídos nem à influência da LM, nem à língua-alvo.

Essa questão de interlíngua é tratada por Moita Lopes (1996), quando afirma que, muito recentemente, sob a orientação de linguistas aplicados e de psicolinguistas, os professores têm tratado dos erros dos alunos a partir de uma perspectiva diferente. Eles têm uma visão mais tolerante dos erros, isto é, uma atitude diante dos erros que os considera como elementos característicos do sistema de uma interlíngua, parte da gramática da interlíngua, e que não deveriam ser equacionados como erros. Assim, para esse autor, a interlíngua é a língua de transição do aluno entre a língua nativa (LN) e a língua-alvo (LAL) em certa altura do processo de aprendizagem. Fazendo referência a Selinker (1972), Moita Lopes (1996) afirma que admite a existência de uma estrutura psicológica latente no cérebro, que é acionada no processo de aprendizagem da L2., que levará ao desenvolvimento do sistema linguístico derivado da tentativa do aluno em produzir a sua LAL, e que é conhecido por interlíngua. Contudo, para Moita Lopes (1996) quando se fala de IL, fala-

se de aprendizes adultos de uma L2 que têm dificuldades em adquirir uma L2 sem sotaque, e não aprendizes alunos na fase infantil que adquirem uma L2 em situações informais. Já em situação de sala de aula, o conceito de interlíngua tem pouca importância, dado que o exame da IL de um grupo de alunos é de grande ajuda para os professores, pois pode apontar os processos de aprendizagem dos alunos, os níveis linguísticos que apresentam áreas mais problemáticas, aspectos que ainda faltam ser estudados etc.

Em Moçambique, o processo de interferência linguística faz-se sentir, principalmente, em nível do substrato, isto é, presencia-se a influência de uma língua materna na língua segunda (o Português), particularmente nos aspectos gramaticais. Assim, prestando atenção à natureza das interferências linguísticas de falantes bilíngues, Cardoso (2007) diz tratar-se de transferência de traços de uma língua materna para a língua não-materna e identifica dois tipos de transferência, “positiva e negativa”, sendo o primeiro tipo “um recurso para o falante, particularmente quando as línguas são aparentadas, podendo recorrer a ela para enriquecer o seu discurso” e o segundo uma “dificuldade a ser ultrapassada”. Esse segundo tipo é também considerado desvio que acontece quando um falante, usando uma língua, sofre influência de outra língua (MELLO, 1999), seja materna ou não.

Como exemplo, apresentam-se abaixo, alguns dados orais da situação entre a língua Xichangana, de origem banto, e o Português, no sul de Moçambique.

Exemplos: Alteração da posição normal dos clíticos em frases com auxiliar e tendência para ênclise e orações complexas:

* Os mininos não falaram-nos nada sobre isso. **Em vez de:** Os meninos não nos falaram nada sobre isso. (PE)

* Meu marido vai me ter que convencer da saída dele. **Em vez de:** O meu marido vai ter que me convencer da sua saída.

Relativamente ao léxico, também se verificam interferências, tanto do Português para as línguas banto, como das línguas banto para o português, bem como do inglês para o português. Do português para o Xichangana, por exemplo, verifica-se a perda de nasalidade, queda de sílabas postônicas, integração de verbos em classes, integração dos nomes nas classes nominais do Xichangana (ver GONÇALVES; SITO, 1999).

Exemplos – do português para o Xichangana:

- pão pawà
- armazémrùmàzeyà

- fósforofofó
- passearkùpàsìyarà
- regar.....kùrigàrà
- mulato.....mùlatù
- mulatos.....valatù

Exemplos – do Xichangana e de outras línguas banto para o português:

- lobolo – tributo pago pelo noivo aos pais da noiva
- tchova – xitaduma – (tradução literal – empurra que vai pegar) carrinho de mão, puxado por tracção animal ou humana
 - dumba-nhengue – (tradução literal confia nos pés), refere-se às pessoas que vendem no mercado informal, quando se confrontam com a polícia camarária, fogem com medo de que os seus bens sejam confiscados
 - madala – velho, pessoa idosa, gênero masculino
 - mamana – senhora idosa
 - malume – cunhado, amigo
 - kokuana – pessoa idosa
 - milando – problema, imbróglio
 - tchungamoio – bazar informal, tradução literal, confia no pé
 - fuseka – interjeição que também equivale a vai-te embora!, que também pode ser ofensivo quando aplicado a uma pessoa
 - molwene – meninos da rua, desamparados
 - phahlar – ritual tradicional dirigido aos espíritos
 - khenhar – acto de prejudicar o próximo nos seus intentos
 - chingondo – termo depreciativo usado pelos habitantes do sul de Moçambique, quando se dirigem aos indivíduos do norte de Moçambique
 - gweva – venda de produtos para revenda a grosso
 - gueva- revendedora de produtos a grosso
 - xiluva – rapariga bonita, que normalmente é associada a concurso de beleza (concurso de misses, miss Xiluva)
 - txapo-txapo – fazer algo de forma rápida e, por vezes, despachada
 - kotsolar – acto de “prender” o homem infiel através de feitiçaria
 - kuxaia (chaia) – tarefa, dar ou receber uma tarefa
 - xidjana – homem albino, com problemas de coloração dérmica

- mutlhutlhu – tipo de petisco que normalmente acompanha a bebida alcoólica
- mbenga – espécie de alguidar, almofariz, que serve para preparar o milho e outros produtos passíveis de serem moídos.

Exemplos de palavras que foram introduzidas no PM, provenientes do Inglês:

- *Ok!* Farei o que me pedes. (sim, tudo bem)
- Estás *nice*? Pela tua cara parece que sim. (bem disposta)
- Maria! Olha pra a *face* do João. Pelos vistos, não dormiu toda noite! (face, rosto)
- Pedro! Repara no *smile* da Memuna, que cinismo! (sorriso)
- Por favor, fico à espera do seu *feedback*, ainda hoje. (resposta, retorno da mensagem)
- Amanhã começa o *workshop*, logo as 8 horas, no Centro de Estudos Brasileiros. (oficina)

O tipo de transferência negativa mais comum quando uma pessoa aprende uma língua não-materna é o fonético, sobretudo aquele que se relaciona com a produção de sons quando alguém tenta pronunciar palavras isoladas. Veja-se o caso de algumas palavras usadas em certas regiões de Moçambique.

Inserção de nasal: $\emptyset \rightarrow [nas]$

convinte [konvi \cup nte]	‘convite’
enkonomiya [eNkono \cup mija]	‘economia’
enzagero [enza \cup Zeru]	‘exagero’
enzame [en \cup zame]	‘exame’
enzixte [en \cup zi Σ te]	‘existe’
enzerisisiyu [enzeri \cup sisiju]	‘exercício’
narinxi [na \cup rin Σ i]	‘nariz’

Essa interferência não conhece o grau acadêmico do falante. É uma das características mais marcantes do Português falado por falantes de Changana como língua materna. A dificuldade de evitar a inserção dessa nasal começa nos primeiros dias em que o aprendente entra em contato com a língua portuguesa e pode continuar, e normalmente continua, até a vida laboral depois de concluídos todos os graus acadêmicos que a sorte reservar-lhe. Contudo, apesar de constituir um forte ruído para o ouvinte, este “erro” geralmente não afeta a comunicação, pois as formas lexicais daí resultantes não coincidem com nenhuma das outras existentes na língua.

Outro caso de interferência fonética que pode afetar a semântica das palavras que entram nos sons visados acontece em makhuwa, por sinal a língua cujo número de falantes (mais de 40% da população moçambicana) ultrapassa o número de falantes de qualquer outra língua do país. Essa percentagem ultrapassa de longe a de todos os falantes da língua portuguesa, não apenas os que a têm como língua materna, mas incluindo os que a falam como língua não-materna (39% da população moçambicana (FIRMINO, 2000)). A língua makhuwa coexiste, não só com a língua portuguesa, mas também com outras línguas em quatro províncias moçambicanas, a saber, Cabo Delgado, Nampula, Niassa e Zambézia. Vejam-se alguns exemplos de transferência negativa predominante na língua portuguesa falada por moçambicanos cuja L1 é makhuwa:

Makhuwa: Desvozeamento dos sons consonânticos: [+voz, -sil] →[-voz]

- a. *coku* [ʊcoku] 'jogo'
kasa [ʊkasa] 'caça'
kasa [ʊkasa] 'casa'
kasa [ʊkasa] 'Gaza (nome de uma província moçambicana)'
teto [ʊtetu] 'dedo'
tuwaci [ʊtuwaci] 'duas'
- b. *kalinya* [kaʊli/a] 'galinha'
patata [paʊtata] 'batata'
Peturu [ʊpeturu] 'Pedro'

Como ilustram os exemplos acima, o não-vozeamento de consoantes é a característica fundamental do português falado pelos falantes de makhuwa como L1. Sabendo-se que o Português é uma língua em que o traço voz (das consoantes) é contrastivo, a transferência negativa da função desse traço de makhuwa para a língua alvo pode trazer consequências negativas à comunicação, como se pode observar em (a). Pelo que um verbo como [*cokari*] (/chocar (i)/ para os leitores não-familiarizados com os símbolos fonéticos) pode significar tanto o que as galinhas fazem aos ovos como o que os humanos fazem à bola num mundial de futebol e não só³. O ouvinte não-familiarizado com esse fenômeno pode pensar que os makhuwas fazem à bola aquilo que as galinhas fazem aos ovos. Isso pode ser suficiente para deixar um português sem entender o que o interlocutor pretende, de fato, dizer. Outra consequência dessa transferência negativa é a produção de enunciados que um interlocutor, falante de português língua materna, pode não conseguir decodificar. Mas, como se

³ Exemplos retirados de Ngunga (2004).

observou no caso dos exemplos acima, a ambiguidade semântica é mais aceitável do que o som estranho ao sistema da língua alvo. Provavelmente, por isso, os makhuwas pensam que, pelo contexto, qualquer falante há de sempre perceber que eles não “chocam” a bola embora digam [noΣ cokamoΣ a pola].

Tal como nos exemplos analisadas da língua changana, o fenômeno de transferência do traço [-voz] de makhuwa para o português pode acompanhar um makkuwa desde os primeiros dias da escolarização na língua alvo até ao doutorado. E não tem nada a ver com a competência linguística e muitas vezes pode ultrapassar-se em nível da escrita, mas continuar a fazer-se presente na oralidade (NGUNGA, 2004).

No entanto, também existem interferências em nível morfo-fonológico no português falado em algumas cidades de Moçambique, em nível frásico:

- Amanhã começam os *enzames* de português. (exames)
- Deves sempre fazer *anssim* as coisas que mando-**te**. (assim)
- Sempre que *cores* atrás do *bato* ele sempre *core* para casa do vizinho. (pato, corre, vizinho)
- Traz uma *garafa* de “catchaçu” lá da cozinha. (garrafa, “aguardente caseira”)
- O irmão do Angustinho morreu ontem a noite. (Agostinho)
- Mamã, o Papaito subiu no *murro* da vizinha, porque tem medo de apanhar por *causo* do *zerro* que tirou na prova de matemática. (muro, vizinha, zero,) (causa de)
- Mamana, o *enrro* foi dele, ele que pague sozinho. (erro)
- O *caro* do Mahumane foi comprado muito *barrato* quando estava no “djoní”. (carro, barato)

Exemplos de interferências semânticas no português falado, em algumas cidades de Moçambique, muitas vezes relacionadas com palavras das línguas *banto*, com empréstimos de carácter regional, provenientes da fauna, da flora, das culturas locais etc.

- João, vai ao bazar comprar “nkacana” para o teu avô. (“nkacana”, folhas amargas, comestíveis, com poderes curativos para algumas doenças)
- Os dançarinos do grupo “Ngoma” dançam muito bem o “nhambálo”. (“nhambálo”, nome de dança tradicional da província da Zambézia)
- Quando o senhor Cadeado bebe “ophutho”, fica muito alegre e perde o juízo. (“ophutho”, nome de bebida tradicional, feita através da fermentação do farelo do milho)

• O meu almoço hoje é arroz com “múkwaní” de mandioca. (“mukwani”, caril feito de folhas de mandioca, feito à maneira tradicional da Zambézia, que tanto pode acompanhar o arroz ou a “murradha”, alimento feito à base de farinha de milho)

• Quando fores a tua quinta, traz-me folhas de “mbowa” e “matapa”. (“mbowa”, folhas de aboboreira; “matapa”, folhas de mandioca)

• Joãozinho, vai ao xipamanine e compra uma “mbenga” grande para moer o milho. (alguidar para moer o milho)

• Quando nasci, meu Papaito, eu estava a colher o arroz, já passam “duas colheitas de arroz”. (dois anos de idade)

• Quando íamos a praia, o carro furou o pneu da frente. (o pneu da frente do carro furou-se)

Sabe-se que, depois dos sons que constituem as palavras, a frase é o segundo espaço em que os aprendentes de línguas tipologicamente diferentes das suas denunciam-se. Vejam-se a seguir alguns aspectos de interferência relacionados com a sintaxe, parte da linguística que “trata das relações que as unidades contraem no enunciado” (BORBA, 2005, p. 181). Reconhecendo que a sucessão e a linearidade sejam dois dos princípios fundamentais que regem a combinação dos elementos na formação de enunciados, é correto supor que diferentes grupos de línguas tenham regras diferentes com base nas quais esses princípios são observados. Portanto, é de supor que línguas tipologicamente diferentes tenham formas diferentes de reger as relações entre os elementos que fazem parte do mesmo enunciado e podem constituir fonte de interferências em caso de as duas línguas serem usadas por um indivíduo bilíngue. Veja-se o que muitas vezes se ouve de enunciados produzidos por alguns moçambicanos falantes de línguas *banto* como maternas:

Verbo ‘nascer’⁴: a. *Eu nasci duas crianças, um rapaz e uma menina.

cf. Eu dei à luz duas crianças.

b. *Esta é a minha mãe que me nasceu.

cf. Esta é a minha mãe que me deu à luz.

c. *Eu fui nascido em Mwembe.

cf. Eu nasci em Mwembe.

Nesses enunciados, são apresentados exemplos muito comuns entre os moçambicanos de nível elementar e de nível intermédio, e, às vezes, mesmo de nível avançado, de aprendizagem da

⁴ Cf. Ngunga (2004).

língua alvo. Como se vê, o verbo ‘nascer’ é um verbo intransitivo; portanto, um verbo cuja estrutura argumental só admite um argumento (externo) à esquerda e zero argumento (interno) à direita. Nas línguas *banto*, o verbo que corresponde a ‘nascer’ em português tem dois lugares, isto é, além do argumento externo (eu, alínea (a)), tem um argumento interno (duas crianças, alínea (a)). Ou seja, nessas línguas, o verbo ‘nascer’ é transitivo. Daí, quando conjugado em português de interlíngua, ele aparece com um argumento interno que, na voz passiva, se movimenta para a posição inicial da frase (c). Aquilo que é objeto da oração, na frase (b), passa a desempenhar a função de sujeito gramatical da oração (c). Essa sintaxe aqui descrita é absolutamente correta na língua materna de muitos moçambicanos, sendo, por isso, normal a sua transferência para a língua-alvo.

Ora, são essas marcas de interferência na língua (PM) que os gramáticos e alguns puristas e “donos do português” consideram “erros” na língua. Porém, sabe-se que todas as mudanças linguísticas ocorrem por ação dos próprios falantes da língua. Desse modo, muitas pessoas se queixam das mudanças na língua sem perceber que elas mesmas é que fazem a língua mudar. Se as mudanças já estão previstas no próprio sistema da língua, se os falantes aproveitam-se das possibilidades que a língua oferece para modificar as regras de funcionamento dela, e se essas modificações servem para satisfazer múltiplas necessidades que os falantes sentem, então não existe “erro comum” – mas, sim, um ajuste comum, um *acerto* para tornar a comunicação mais adequada⁵.

Muito embora o que ocorre em Moçambique com o português L2 trata-se de transferências negativas, elas dão cor e beleza singular à língua oficial bem como permitem saber os diferentes níveis de proficiência em português, medida para se saber os diferentes níveis de domínio que os moçambicanos têm dessa língua.

Estando assente que a interferência linguística é o processo de transferência de certos traços ou estruturas da língua materna para a língua-alvo, este tem relação com a diferença tipológica entre as duas línguas. Como tal, as interferências só têm razão de ser como características das fases elementar e intermédia do processo de aquisição de uma língua. Por isso, elas podem (e têm de) ser ultrapassadas com o aumento dos conhecimentos sobre a estrutura da língua-alvo bem como com a intensificação do contato com ela. Pelo que, hipoteticamente, é de esperar-se que as interferências deixem de ter lugar quando o aprendente atinge um nível de bilinguismo totalmente coordenado, em que nenhum dos dois sistemas linguísticos precisa do outro, ou pelo menos não totalmente.

Assim, devemos pensar que as interferências constituem o problema pedagógico que tem de ser resolvido através de estratégias de ensino de língua adequadas com base no conhecimento, pelo docente, de possíveis áreas de tensão entre a língua-alvo e a língua materna. Isso pode ser feito pelo

⁵ Cf. Bagno (2009, p. 46).

professor preparando uma série de exercícios, tal como se propôs acima, visando resolver problemas específicos que ocorrem na *interlíngua* do aprendente, aproveitando, às vezes, os próprios “erros” deste. Portanto, diferente dos empréstimos, que não se corrigem, as interferências (transferências negativas) podem corrigir-se e podem ser ultrapassadas como resultado de maturidade das competências linguística e comunicativa do aprendente na língua-alvo. Isto é, com o decorrer do tempo, algumas interferências podem ser ultrapassadas, mas há outras que ficam estabelecidas ou são dificilmente ultrapassadas, desafiando o tempo e as metodologias mais avançadas de ensino de L2.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, M. *Não é errado falar assim!* Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- BAGNO, M. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 51 ed. São Paulo: Ed. Loyola, 2009.
- BORBA, F. da S. *Introdução aos estudos linguísticos*. 14 ed. São Paulo: Pontes, 2005.
- CARDOSO, A. J. A importância do erro e as interferências linguísticas no processo de aquisição de uma língua não materna, 2007. www.performar.org/revista/edição_22/import_erro, PDF. Acesso em 12/09/2009.
- FIMINO, G. A. “ Questão Linguística” na África pós-colonial: o caso do Português e das línguas autóctones em Moçambique. Maputo: Promédia, 2002.
- GONÇALVES, P. Aspectos da sintaxe do Português de Moçambique. In: FARIA, I. et alli. (orgs.). *Introdução à Linguística Geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho, 1996.
- GONÇALVES, P.; SITO, B. Mudança linguística em situação de contacto de línguas: o caso do changana e do português. *Travessias*, n. 1, p. 73-86, 1999.
- GONÇALVES, P. et al. (org.). *Mudanças do Português em Moçambique: aquisição e formato de estruturas de subordinação*. Maputo: Livraria Universitária da Universidade Eduardo Mondlane, 1998.
- LOPES, A. J. et al. *Moçambicanismos: para um léxico de usos do Português Moçambicano*. Maputo: Livraria Universitária da Universidade Eduardo Mondlane, 2002.
- MELLO, H. A. B. *O falar bilingue*. Goiânia: Ed. da UFG, 1999.
- MOITA LOPES, L. P. *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino-aprendizagem de língua*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1996.
- NGUNGA, A. *Introdução à Linguística Banto*. Maputo: Imprensa Universitária da Universidade Eduardo Mondlane, 2004.

NGUNGA, A. *Empréstimos nominais na língua Yao*. Comunicação apresentada no Colóquio Caminhos da Língua Portuguesa, África-Brasil. Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2006.

NGUNGA, A. *Simpósio Interpenetração da Língua e Cultura de/em Língua Portuguesa na CPLP*, S. Vicente, Cabo Verde, 2008.

PRETI, D. (org.) et al. *Estudos de língua falada – variação e confrontos*. 2 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

RICARDO-BORTONI, S. M. *Nós chegemu na escola, e agora?* 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, C. da. *Tão bem palavra: estudos de Linguística sobre o Português em Moçambique com ênfase na interferência das línguas banto no português e do português no banto*. Maputo: Livraria Universitária da Universidade Eduardo Mondlane, 2003.

Leonarda Menezes é mestre em Didática de Línguas pela Universidade de Aveiro e doutoranda em Línguas e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia. Interessa-se por questões relacionadas a educação bilíngue. Foi coautora na elaboração de livros do aluno e do professor da 6ª e 7ª classes em Maputo, pela Porto Editora. leonarda_menezes@yahoo.com.br